



B. GROB DO BRASIL

MUDANÇAS DE PARADIGMA PARA ALCANÇAR UMA PRODUÇÃO AUTÔNOMA

Muito se fala hoje sobre a indústria do futuro e seus novos conceitos, e suas soluções integradas pautadas na digitalização, tendo como pano de fundo a Internet. Grandes players globais, especialmente do setor automotivo, apontam para uma grande quebra de paradigma do processo produtivo, cujo grande impacto da Indústria 4.0 permeia o ideal de “fazer mais com menos”, além de integrar uma comunicação efetiva entre sistemas, máquinas, produtos e pessoas.

Mas o que as empresas realmente têm feito para voltar seus esforços a essa realidade?

A B. GROB do Brasil, situada em São Bernardo do Campo em São Paulo, leva esse assunto muito a sério e adota em sua própria fábrica várias de suas tecnologias. Para Michael Bauer, presidente da planta no Brasil: - “É necessário entender que o conceito vai além de simplesmente oferecer uma interface digital para que o cliente possa se sentir mais tecnológico. Trata-se de adotar medidas e mudanças de cultura que começam já no chão de fábrica, resultando em maior produtividade, menos desperdício e, conseqüentemente, redução de custos, maior qualificação e mão de obra cada vez mais especializada”.

Particularmente na Usinagem da B. GROB do Brasil, onde Marcelo Rogério da Costa, gerente da área, trabalha, a transformação trouxe resultados além da produção. A incorporação de acessórios, como o magazine adicional de ferramentas e o sistema de armazenamento de

paletes (PSS-R), em uma máquina GROB trouxe mais benefícios do que adquirir uma nova máquina gêmea.

“Com um investimento menor já é possível ganhar mais espaço, uma vez que uma máquina nova custa muito mais que um acessório. No nosso caso, a combinação magazine-PSS-R possibilitou rodar até 13 produtos de uma vez sem risco de uma produção seriada, formando um kit com fluxo direto e menos estoque, o que nos aproxima do conceito ‘one-piece-flow’”, explica.

Os adicionais também contribuíram para a redução das horas do funcionário para manter o equipamento produzindo. Ao gerar mais autonomia e estabilidade para o processo, o operador passou a conseguir administrar mais de uma máquina, e tornou-se mais multifuncional ao desenvolver outros tipos de aptidões, porque além de administrar a operação, ganha tempo para adiantar outros tipos de trabalho com a peça, como controle de qualidade e rebarbação. O “colocar a mão na massa” acaba se tornando secundário e o operador passa a atuar como um gestor do processo, especializando-se no sistema como um todo.

Com uma máquina autônoma, conectada a sistemas de gerenciamento remoto, como o GROB-NET4Industry da GROB, é possível operar em turnos fantasmas, expandindo o tempo de operação e a capacidade de produção da máquina, e, indiretamente, economizar no consumo de energia, custos industriais e de infraestrutura.